



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

PAULA LOPEZ

**A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:  
UMA PERSPECTIVA SINGULARIZANTE**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Prof. Ricardo Radin Bueno**

SÃO PAULO

2023

PAULA LOPEZ

**A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:  
UMA PERSPECTIVA SINGULARIZANTE**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito  
para obtenção de título de Bacharel em  
Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo.

Orientador: Prof. Ricardo Radin Bueno

SÃO PAULO

2023

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho contou com o apoio de inúmeras pessoas, às quais agradeço imensamente.

Primeiramente, agradeço ao professor orientador Ricardo Radin Bueno, que me acompanhou neste processo e ajudou a desenhar o meu percurso.

Aos meus pais, Pablo e Victoria, que como sempre, nunca deixaram de acreditar no meu potencial e estiveram ao meu lado, além de possibilitar que eu faça parte, agora, do grupo de psicólogos formados pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Aos meus colegas de faculdade e da vida, que tornavam mais leve o processo, a partir do compartilhamento de vivências. Assim como o apoio dos meus colegas de trabalho, que fizeram deste momento, algo flexível e possível.

Aos jovens e profissionais do Grupo de Invenção e Pesquisa (GIP). Obrigada por me fazerem brilhar os olhos, por me inspirarem a realizar este estudo, e por dar sentido à psicologia para mim.

E, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, obrigada.

*Quando ouço falar em homem comum, em pesquisa doxa, em fenômenos de massa e em coisas desse gênero, penso em todos os pacientes que vi passar no divã em 40 anos de escuta. Não há um, em nenhuma medida, que seja parecido com o outro; nenhum tem as mesmas fobias, as mesmas angústias, a mesma forma de contar, o mesmo medo de não compreender. O homem médio, quem é esse? Eu, vocês, meu porteiro, o presidente da república?*

*Jacques Lacan.*

## **RESUMO**

Esta pesquisa tomou forma a partir de uma preocupação basilar em ajudar no movimento de desestigmatização do autismo como doença. Frente a este início, o trabalho partiu da perspectiva psicanalítica e buscou investigar os princípios da constituição psíquica do sujeito autista e o seu modo de funcionamento, levando em consideração as problemáticas levantadas na trajetória histórica da descoberta do Transtorno do Espectro Autista. Dessa forma, através da análise da entrada na linguagem desses sujeitos, assim como a investigação da relação destes com os chamados objetos autísticos, a formação de defesas autísticas e a interação com o social, a pesquisa buscou compreender a contribuição de tais fatores para a formação psíquica desses sujeitos. Dessa forma, a pesquisa procurou contribuir para o conhecimento sobre os determinantes na formação psíquica dos sujeitos autistas dentro de uma perspectiva que contempla o modo de funcionamento subjetivo singular.

Palavras-chave: Autismo; subjetividade; mecanismos de defesa; linguagem e autismo; autismo a dois.

## **ABSTRACT**

This research took shape from a concern to help in the movement to destigmatize autism as a disease. With this in mind, the work started from a psychoanalytic perspective and sought to investigate the principles of the psychic constitution of the autistic individual and their way of functioning, taking into account the issues raised in the historical trajectory of the discovery of Autism Spectrum Disorder. In this way, by analyzing the entry into language of these subjects, as well as investigating their relationship with so-called autistic objects, the formation of autistic defenses and interaction with the social, the research sought to understand the contribution of such factors to the psychic formation of these subjects. By that, the research sought to contribute to knowledge about the determinants in the psychic formation of autistic subjects from a perspective that takes into account the singular mode of subjective functioning.

Keywords: Autism; subjectivity; defense mechanisms; language and autism.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>1.2 Contexto histórico do Transtorno do Espectro Autista .....</b>	<b>3</b>
<b>MÉTODO .....</b>	<b>6</b>
<b>2. Formação do sujeito autista .....</b>	<b>7</b>
<b>3. Constituição da subjetividade de jovens com Transtorno do Espectro Autista .....</b>	<b>14</b>
<b>3.1 Vivência do período da adolescência para o jovem autista: Uma perspectiva psicanalítica do que é a adolescência.....</b>	<b>15</b>
<b>3.2 Vivência do diagnóstico através do discurso familiar .....</b>	<b>18</b>
<b>4. Autismo a dois: O trabalho psicanalítico.....</b>	<b>21</b>
<b>4.1 Grupo de invenção e pesquisa – Oficina de Vazio &amp; Cesta de frutas.....</b>	<b>23</b>
<b>5. Conclusão.....</b>	<b>25</b>
<b>6. Referências bibliográficas</b>	

## 1. Introdução

O termo autismo, definido em 1913 por Bleuler pela primeira vez como um dos sintomas da esquizofrenia, passou por diversas transformações no que se diz respeito ao entendimento da sua condição ( BLEULER, 2005 *apud* BRITTO ; VASCONCELOS, 2016). Tais serão apresentadas paulatinamente aqui. Kanner, em 1943, introduz uma síndrome, primeiro chamada de Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, que integra as classificações psiquiátricas (DSM) - inserindo então, o que depois ficou conhecido como o Transtorno do Espectro Autista, como um dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID), segundo Catão e Vivés (2011). Esta condição, envolvia características específicas, como a solidão; limitações na relação sociais e afetivas; a não utilização da linguagem, entre outros. No que se diz respeito ao desenvolvimento do termo autismo em toda a sua trajetória, levando em consideração as abordagens etiológicas, cognitivas e psicanalíticas, com o tempo, vão se desenvolvendo diversas percepções sobre o Transtorno do Espectro Autista, da qual iremos aprofundar neste estudo a partir da revisão bibliográfica da ótica da psicanálise.

Segundo uma revisão bibliográfica da psicanálise sobre o autismo (CATÃO, VIVÉS, 2011), entende-se que os psicanalistas dividem-se no que se diz respeito ao entendimento do autismo por completo. Enquanto alguns consideram o autismo como tendo a mesma estrutura linguística da psicose, considerando então a não diferenciação das duas condições, outros como Rosine e Robert Lefort (1980), entendem o autismo como uma quarta estrutura, que se diferencia da psicose, neurose e perversão, segundo Maleval (2017). Além destas concepções, existem as que consideram o autismo como algo da ordem precoce - um impasse na estruturação subjetiva.

Em “Os escritos técnicos de Freud” seminário 1, Lacan refere-se ao autismo em sua forma ampliada. Isto é, entende que este sujeito tem o seu próprio mundo (LACAN, 1953-54). A partir do caso Dick<sup>1</sup>, o autor indica um indivíduo imerso no real, onde a partir da

---

<sup>1</sup> Segundo Gonçalves; Silva et al.,(2017): Os primeiros registros entre a psicanálise e o autismo, relacionam-se com a introdução do caso Dick, em 1930. Uma vez que o autismo não era identificado como uma condição específica nesta época, Dick, um menino de quatro anos que não falava, apresentava desinteresse e não estabelecia relações afetivas com o social, foi diagnosticado com demência precoce. Para Lucero e Vorcaro (2017), o caso Dick refere-se ao atendimento psicanalítico realizado por Melanie Klein, de uma criança de quatro anos, que apresentava indiferença em relação ao outro: ausência de afetos e sem interesse no lúdico. Klein (1930/1996) pontua que a ansiedade de Dick era muito menor quando comparada a outras crianças.

relação entre a palavra e o simbólico, constitui-se uma proteção do verbo ao, por exemplo, cobrir os ouvidos. A partir de contribuições lacanianas como essa, obteve-se uma adição à compreensão da constituição do sujeito, e, portanto, o autismo considerado como possibilidade na estruturação da subjetividade.

Maleval (2017) propõe trabalhar a partir da escuta dos autistas as possibilidades de ser e de entendimento do seu funcionamento subjetivo. Isto é, torna-se necessário um olhar e escuta voltados para o fato de que as crianças autistas não devem ser definidas como deficientes intelectuais (CATÃO, VIVÉS, 2011). Isto é, uma deficiência intelectual pode vir ou não a fazer parte de um quadro autista, mas que não deve definir a condição no seu geral. Nesse sentido, há uma necessidade de trabalhar a conceituação do autismo a partir dos próprios autistas, debruçar o estudo sobre a percepção destes, e, tirar do lugar de suposto saber do analista, que deve aprender com os próprios sujeitos:

“Os autistas estão se metendo a escrever, simples assim. Dentro de algum tempo seremos certamente pessoas que valem a pena. Essa será uma evidência para todos os pretensos conhecedores. Pois é graças a nós que conhecimentos dão as caras” (SELLIN, p.31, 1995 *apud* MALEVAL, 2017).

Entende-se que muito do que se conhece como o Transtorno do Espectro do Autismo consiste numa explicação biológica que se reduz a padrões: comportamento alheio, dificuldades em se relacionar socialmente ou a responder estímulos externos, etc. Entretanto, o autismo nos dias atuais não deve ser entendido apenas pela epidemia diagnóstica, mas sim, também, pela busca e investigação dos tratamentos singulares, da escuta, e daquilo que surge no singular (TENDLARZ, 2017).

A partir da psicanálise, identifica-se que as práticas para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista, voltam-se para o ato de considerar a singularidade do sujeito, seus desejos, subjetividade e relação com o mundo. Isto é, rejeita o diagnóstico precoce, que banaliza e enquadra em um padrão todos aqueles que apresentam sintomas do transtorno. Autores da psicanálise rejeitam as classificações generalistas que carregam rótulos nos sujeitos, apreendendo uma condição deficitária. No presente estudo, trataremos da óptica psicanalista que entende a importância de se priorizar os aspectos subjetivos e singulares de cada sujeito, a fim de compreender este em sua história de vida.

Nesse sentido, o estudo da origem patológica, assim como do funcionamento do Transtorno do Espectro Autista torna-se fundamental para auxiliar na compreensão da condição em si. Pesquisas de origem biológica e médicas são importantes, mas não devem ser a única fonte de conhecimento que define esta condição, uma vez que a singularidade de cada indivíduo, assim como a influência dos pilares culturais e sociais também são de extrema importância na constituição do sujeito, independente de seu desenvolvimento biológico (VIGOTSKI, 2000, *apud* BAGAROLLO, PANHOCA, 2010).

## **1.2 Contexto histórico do Transtorno do Espectro Autista: Evolução do termo TEA**

A evolução da abordagem psicanalítica infantil se dá com atraso em relação ao estudo voltado à idade adulta, durante o século XIX. Nesse sentido, os transtornos mentais em crianças, voltados à concepção do “idiotismo”, eram diretamente relacionados com atrasos/paradas no desenvolvimento e associados a deficiências intelectuais - uma vez, que, não era-se estabelecida uma psicologia infantil de fato (MALEVAL, 2017). Foram então identificadas diferentes formas da compreensão do termo “idiotismo” incluindo a chamada mongólica, hoje em dia compreendida como síndrome de Down. O mesmo autor que propõe esta, John Langdon Down, entende uma forma de idiotismo infantil que compreende uma capacidade intelectual da criança (idiota prodígio). Da qual caracteriza-se por uma junção de capacidades excepcionais intelectuais e memória significativa, podendo chegar a um desenvolvimento maior de si mesmo.

Ao longo do tempo, outros autores apresentam as suas perspectivas sobre os transtornos mentais infantis. Sante De Sanctis, em 1924, critica que a consideração das psicoses infantis envolviam muitos outros aspectos do que somente “paradas” no desenvolvimento, assim como alterações graves no comportamento, alucinações, e uma debilitação mental de uma forma geral (SANCTIS, 1924 *apud* MALEVAL, 2017). Após duas décadas, compreende-se a noção de esquizofrenia, que permite uma compreensão das doenças mentais infantis de uma forma mais ampla. Em 1940, Kanner e Asperger, independente um do outro, desenvolvem uma condição que a nomeiam de autismo (LYONS, FITZGERALD, 2007 *apud* BERNAL, 2018). Kanner entende o autismo como um fechamento de si, pelo qual a criança realiza o movimento de rejeitar o que vem de fora, isso porque, aquilo que perturba o interno é percebido como intrusivo e disruptor. Nesse sentido, há uma falta de investimento nas relações externas através da falta de interação social e

compartilhamento das suas expressões, enquanto a presença de um investimento na imutabilidade e ordem (KANNER, 1973 *apud* MALEVAL, 2017). A partir desta perspectiva, entende-se que qualquer mudança ou quebra de expectativa, torna-se de extrema angústia para esses indivíduos.

Do mesmo modo à Kanner, Asperger entende o autismo como uma condição da qual os sintomas manifestam-se desde o início do desenvolvimento, sintomas os quais revelam uma limitação nas interações sociais, destacando um desejo pela solidão - onde rejeitam a entrada do Outro no seu interior (MALEVAL, 2017). Além disso, ambos os autores observam a relação construída com objetos, como uma estratégia de rejeição à intrusões externas. Os estudos de Kanner e Asperger vão se diferenciar a partir da perspectiva dos autores sobre a linguagem. Isto é, conforme os autores Vila, Diego e Sequeira (2009), Kanner observava crianças com dificuldades explícitas na comunicação, das quais incluíam o mutismo, ao passo que Asperger analisou crianças com a capacidade de falar, mas sem direcionamento. Além do mais, enquanto que Kanner entendia que a linguagem poderia se tornar de fato comunicação, Asperger tinha a perspectiva de que as crianças eram capazes de chegar a níveis mais desenvolvidos da linguagem (VILA, DIEGO, SEQUEIRA, 2009). Nesse sentido, aos poucos, a síndrome de Asperger foi constituída e reconhecida como independente do autismo.

Mahler (1968) *apud* Bosa e Callias (2000), contribui para o desenvolvimento infantil e assim, para o entendimento do Transtorno do Espectro Autismo a partir do destaque de três fases: autística normal, simbiótica e fase de separação-individuação. Nesse sentido, acredita que é justamente na falha do processo de individuação, que caracteriza o início da psicose simbiótica - uma fusão na relação materna, respondendo através de defesas frente à angústia. Mahler, ainda, entende o narcisismo primário como um modo de funcionamento autista, onde há o retorno à fase inicial da vida. Isto é, o objeto materno é irreconhecível para a criança. Assim como Mahler, Tustin (1981) *apud* Maleval (2017) reconhece o autismo como uma resposta traumática em relação à separação materna, resposta a qual leva a um colapso depressivo (BOSA, CALLIAS, 2000). Pode-se dizer, que o autista então se encerra em seu próprio mundo, produzindo uma angústia frente à situações que carregam uma ordem intrusiva.

Enquanto Mahler produz sua teoria no movimento de regressão a fase inicial, Bettelheim (1987) *apud* Maleval (2017), faz uma relação entre a vivência experienciada pelo

autista e a vivência que o próprio autor teve em campos de concentração. Isto é, relaciona a experiência de angústia e sensação de aprisionamento, como o modo de viver do autista - o qual enfrenta situações que representam perigo e não há saídas. O autor ainda constrói a hipótese de que situações traumáticas experienciadas em fases muito iniciais da vida, podem vir a desenvolver um Transtorno do Espectro Autista a partir da reação inicial de defesa tornar-se crônica e o ambiente não suportar o acolhimento (Maleval, 2017).

Nesse sentido, a partir da década de 1970, o Transtorno do Espectro Autista vai sendo desenvolvido pela psicanálise a partir da maneira em que se distancia da teoria deficitária e biológica sobre o sujeito autista. Isto é, vai se criando uma perspectiva de compreensão do modo de funcionamento autista, a partir da identificação dos sintomas e mecanismos de defesa os quais os sujeitos utilizam. Dessa maneira, assim como Maleval (2017) entende, a psicanálise compreende o Transtorno do Espectro Autista como uma condição arcaica, da qual envolve uma regressão libidinal e um funcionamento singular. Há uma aproximação do autismo com os transtornos do desenvolvimento, distanciando-se da psicose e surgindo a possibilidade da concepção de autistas de alto funcionamento, que envolve a possibilidade de considerar sujeitos com Transtorno do Espectro Autista, capazes de desenvolver capacidade verbal e habilidades sociais.

Logo, tendo em vista o que foi apresentado, no primeiro tópico, da introdução, tratamos do contexto histórico do Transtorno do Espectro Autista, seguindo a origem do termo, assim como as diferentes abordagens que foram se descobrindo acerca do tema. No seguinte tópico, “Formação do sujeito autista”, será abordada a constituição psíquica desses sujeitos a partir do livro “O autista e a sua voz”, de Maleval (2017), assim como suas principais características e defesas, que constituem o autismo como uma possibilidade de funcionamento psíquico. Após este tópico, trataremos de compreender a constituição da identidade de jovens com Transtorno do Espectro Autista, relacionando com o luto materno e paterno diante do diagnóstico. E, por fim, discutiremos as possibilidades de tratamento do Transtorno do Espectro Autista a partir do papel do analista na relação “Autismo a dois” que propõe um trabalho conjunto e de abrir mão do lugar de sujeito-suposto-saber.

## **Método**

O presente estudo tem como objetivo explorar a constituição psíquica em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. A partir da compreensão do modo singular de funcionamento dos sujeitos com TEA, o estudo busca relacionar as formas as quais os sujeitos autistas se constituem, a fim de caminhar na tradição de análise e reflexão bibliográfica de autores da psicanálise, seguindo um percurso de desestigmatização do autismo como doença que necessita de uma cura.

A metodologia utilizada na construção desse trabalho é a pesquisa descritiva de critério bibliográfico, através de obras e autores que abrangem o tema em questão. Utilizou-se das bases de dados: Scielo, Google Acadêmico, uma vez que são consideradas bases de informações virtuais de referência para publicações de teses, artigos, dissertações e pesquisas. Além disso, foram envolvidos as pesquisas que estivessem publicados nas bases de dados comentadas acima, sendo excluídas aquelas em que revelassem duplicidade entre as bases, e que tema não analisasse ou abrangesse o objetivo da pesquisa. Foram pesquisadas as seguintes palavras-chave: Autismo e Perspectiva Lacaniana; Subjetividade em sujeitos autistas; Modo de funcionamento autístico.

A partir da pesquisa através da leitura analítica de textos, descritiva de caráter bibliográfico, busca-se a compreensão da construção subjetiva do sujeito autista. Nesse sentido, através da leitura analítica dos livros “O autista e a sua voz” de Jean-Claude Maleval (2017), “Meu menino vadio” de Luiz Fernando Vianna (2017) e da pesquisa de demais artigos dentro do tema de Transtorno do Espectro Autista, como: “Sobre a escolha do sujeito autista: voz e autismo” (CATÃO, VIVÉS, 2011), “Transtornos do espectro do autismo e psicanálise: revisitando a literatura” (GONÇALVES et al 2017), entre outros artigos, foi possível um caminho na perspectiva de compreensão do sujeito autista como singular.

## 2. A formação do sujeito autista

O autismo é um transtorno que envolve deficiências cognitivas, mas não é isso o que o determina. Para o autista, o “dizer” é difícil. O peso das palavras ditas é grande, uma vez que a voz - isto é, objeto pulsional, aquilo que carrega a voz de quem diz - marca presença. Para o sujeito autista, o ato de marcar presença e utilizar sua voz para isso, é aterrorizante. Dessa forma, para Maleveal (2017) a base do funcionamento autístico se dá em proteger-se da sua voz, seja por mecanismos verborrágicos ou por mutismo. Há, portanto, uma recusa em convocar o outro pela fala, assim como a recusa em inscrever a voz na fala, não abrindo mão do gozo vocal, e a partir deste funcionamento, conservar o controle. Isto significa que, é justamente ao conservar a sua voz que o autista recusa a voz ativa do Outro. Remete a uma escolha em não se alienar a voz do Outro, mantendo assim, um controle sob si mesmo ao não marcar presença de si.

A fala, segundo Catão e Vivés (2011), tem como objetivo dar sentido à função do sujeito. A partir desta noção, entendemos que o ser humano nasce imerso em um banho da linguagem, e, para que possa falar, precisa estar inscrito nela: é preciso que a linguagem se incorpore ao real de seu corpo. Nesse sentido, entende-se que a fala em si não é um processo natural, que nascemos sabendo por determinação filogenética. Relaciona-se a um ato de abrir mão do gozo vocal. Mais que isso, para poder de fato falar é necessário bancar sua própria voz, dispor de uma voz que constitua-se como ela mesma, o que implica em uma perda e numa alienação dos significantes no campo do outro (CATÃO E VIVÉS, 2011). O sujeito autista desde cedo já carrega a recusa de não adentrar neste funcionamento, isto é, expõe seu movimento singular em não falar e não se alienar. Aqui, entendemos que falar é diferente de se comunicar. A criança autista pode e se comunica de diferentes formas. Trata-se de uma recusa enunciativa, que tem sua consequência em uma fala desconectada do subjetivo - por exemplo: verborragia, mutismo ou enunciação através do duplo, conforme trataremos ao longo deste trabalho.

Conforme foi dito, o sujeito do inconsciente nasce a partir da operação significativa que implica na perda de um gozo. É abrir mão ao direcionar a voz à alguém. Para isso, molda-se o vazio do Outro a partir da incorporação da voz. É justamente por essa alienação,

que se é possível utilizar a voz como própria, e, portanto, moldar o vazio do Outro. Nas palavras de Catão e Vivés (2011):

“De início, é preciso que o ser suposto falante tome emprestada a voz do Outro, que ele aceite incorporá-la. Esta alienação permitirá que, a posteriori, ele possa falar em seu próprio nome.”  
(CATÃO, VIVÉS, 2009, p. 86).

Aceitar falar é, como Maleval (2017) entende, um movimento de obedecer às coerções da linguagem. Traz consigo uma responsabilidade: falar por si e inscrever-se na linguagem. Além disso, significa inscrever-se no caótico mundo das emoções e de si mesmo. Nesse sentido, o mutismo e a verborragia podem ser entendidas como defesas libertadoras, que tiram a possibilidade de conexão gozo à fala. São defesas que rejeitam qualquer dependência ao Outro, assustador e imprevisível.

Maleval (2017) entende, através da psicanálise, que a voz é parte da cadeia significante que não é assumida como “eu”, pois é subjetivamente atribuída ao Outro. Logo, ocorre uma castração simbólica, a qual apaga a presença da voz no real, isto é, o sujeito se torna surdo a ela e então, conecta-se ao dizer. O autista não teve essa castração, logo, quando se ouve em uma voz que lhe escapa, isto lhe causa horror - uma vez que afirma sua presença. J. Lacan (1962-63) *apud* Maleval (2017) faz uma analogia interessante referente às dáfnias<sup>2</sup>, para explicar este funcionamento: para regular seu aparelho estatocustico, as dáfnias introduzem grãos de areia no utrículo. Esta analogia relaciona-se à incorporação da voz do Outro que se opera pelo viés de inscrição no sujeito e do seu gozo vocal sob o significante unário. Ou seja, quando a voz cai do órgão de fala, é modelado o vazio do Outro - vazio o qual é capaz de receber um significante. Tal operação, não ocorre com sujeitos autistas, isto é, no autismo, a falta do Outro não é pacificada - há a recusa de situar a sua voz ali, portanto, a retém. Quando se relaciona há analogia de Lacan (1962-63), pode-se dizer que o sujeito autista não realiza a incorporação da voz do Outro - não introduz “grãos de areia no utrículo”.

O autista se comunica, inclusive, pode falar - contanto que se mantenha verborrágico. Isto é, conforme Maleval (2017): falar para não dizer nada, não ser compreendido ou sem se

---

<sup>2</sup> Dáfnias: gênero de crustáceos. Utrículo: pequena vesícula que se fecha por uma válvula.

dirigir ao interlocutor. Há o esforço de não engajar sua voz num apelo ao Outro. Maleval (2017) dá o exemplo do solilóquio, como um mecanismo de direção ao outro sem o engajamento da voz em si. A verborragia, é uma linguagem que não traduz o que realmente se tem a dizer, ou a respeito das emoções e expressões - mas sim, traduz algo caricatural. É descrita como uma característica do funcionamento autístico em que o sujeito fala muito, frequentemente sem conexão direta com seus próprios pensamentos ou preocupações. Isso é contrastado com a comunicação em que as palavras têm significado e propósito, Maleval (2017) ainda coloca, que, há a falta de conceber para o que as palavras servem, que facilita a apreensão objetal a qual os autistas tem dos outros. Isto é, conceber o Outro como objeto sonoro e não sujeito expressivo, constitui uma das maneiras autísticas de se proteger das manifestações de seus desejos.

Um dos princípios da estruturação do autismo, segundo Maleval (2017), está na cisão entre voz e linguagem. Isto é, a recusa pelo apelo ao Outro, assim como a recusa da alienação do ser de gozo na linguagem constituem estratégias inconscientes do sujeito para proteger-se da angustiante presença de um Outro real. Portanto, o sujeito abre mão do gozo vocal. É um sujeito que não se introduz na linguagem passando pelo balbucio<sup>3</sup>, o que a partir da abordagem lacaniana, constitui a entrada no significante (MALEVAL, 2017). A balbucia refere-se à captura do sujeito em uma relação com o Outro da linguagem. A linguagem fornece um enquadramento para a fala e envolve a alienação no Outro da linguagem, o que implica a cessão do objeto do gozo. Para a enunciação ocorrer, o sujeito precisa abrir mão do gozo vocal, incorporando a voz do Outro. A ausência de balbucio é vista como uma evidência da falta de mortificação do gozo vivo operada pela linguagem. Isso pode resultar na dificuldade em conectar afetos e fala.

Isto é, para que haja enunciação, é necessário uma separação traumática: abrir mão do gozo vocal e incorporar a voz do Outro - nossa voz se torna estranha, separada. Para o autista, a voz não lhe é estranha. Se encontra sobrecarregado por uma energia desregulada. Logo, o mecanismo que controla a afetividade, tal como o balbucio, é ausente, e com isso, há a dificuldade em engajar afetos, fala, e expressar com profundidade. Maleval (2017) cita Temple Grandin, autista de alto funcionamento, a qual compara o seu modo de funcionamento com o de um computador. Os objetos e emoções formavam um todo. O

---

<sup>3</sup> Balbucio aqui se refere a ideia de que é a partir deste que o sujeito está assujeitado aos significantes do Outro. O sujeito é suposto pelo Outro através do balbucio. (FERNANDES, 2012).

pensamento de um computador se desenvolve num deserto absoluto de gozo - constitui um ideal autístico.

Maleval (2017) coloca que o modo de funcionamento autístico se dá pelo trabalho que os sujeitos fazem na tentativa de organizar e pôr ordem em seu mundo caótico. É um sujeito que trabalha pela manutenção da sua solidão - separa-se do outro por intermédio de objetos super investidos ou pela imutabilidade, como por exemplo a criação de objetos complexos ou o trabalho de memorização de signos. Há a recusa em abrir mão do gozo vocal e o desejo pelo controle, que barram a alienação do sujeito no significante - uma ausência de regulação do gozo.

As consequências da recusa em abrir mão do gozo vocal são fundamentais para a estruturação do sujeito autista. Isto é, resulta em uma recusa ao convocar o outro, que não permite que a alienação no outro se opere - não alojando o gozo vocal no campo modular do outro. O autista compreende a linguagem negativamente, esforçando-se para não se engajar no mundo dos significantes, conforme Maleval (2017) pontua. Para o sujeito autista, torna-se fundamental manter o controle sobre sua voz, que não é representada por um significante junto a outro significante. Existe, como Maleval pontua, possibilidades de enunciação imprevisíveis e quase involuntárias, principalmente em momentos de angústia. Maleval (2017) pontua o exemplo de uma criança que sai da imutabilidade e grita “gelo” quando passa por um evento traumático.

Há uma diferença clara entre a etiologia neurológica para a psicanálise nos estudos de autismo. Enquanto a primeira determina suas causas em aspectos cognitivos e de “incapacidade”, a psicanálise entende como o trabalho de um sujeito, que se apoia no fato de que a imutabilidade desses sujeitos não é fisiológica. Eles podem falar, no entanto, dão preferência por não falar - o que Lacan (1953-54/1979, p. 102) a partir do caso Dick, entende como “mestre da linguagem”, pois controlam o gozo vocal - por meio da sua recusa em arriscar falar. Isto é, torna-se necessário compreender que a linguagem é diferente da fala: o sujeito autista não está fora da linguagem, ele sim se comunica de um modo singular.

O autista, para Maleval (2017) é afetado pela negatividade da linguagem e esforça-se para não se engajar no mundo dos significantes. Ou seja, manter o controle sobre o gozo vocal é essencial para o autista, e ele pode evitar a enunciação surpreendente e não

controlada. Nesse sentido, o sujeito autista recusa-se a convocar o outro por meio da fala, preferindo manter o controle sobre sua voz e evitar a conexão com o interlocutor e alienação no significante, assim como evitando o contato com si mesmo, ao não enfrentar seus sentimentos e emoções. Uma das técnicas que remetem a recusa ao convocar o outro, se dá pela invenção de palavras, que, além de uma forma de proteção e alívio da solidão, vem de si mesmo e não do Outro, permitindo que mantenha o controle sobre seu gozo vocal. Logo, há uma dificuldade em tomar posição de enunciação na linguagem - da qual os autistas experimentam esta como um objeto sonoro, em vez de um meio de comunicação.

A cisão entre as emoções e o intelecto é um dos princípios quando se trata da estruturação do sujeito autista. Neste sentido, o *gozo do vivo* não se prende ao significante - logo, há uma falha em regular as sensações. Maleval (2017) faz a relação com um dispositivo de disjuntor como aquilo que falta nesses sujeitos - algo para regular aquilo que transborda. Para suportar a angústia em lidar com as emoções que transbordam e que não tem controle sobre, o sujeito autista realiza um trabalho de desviar o gozo de seu corpo, criando então uma *borda autística*. Esta, atua como uma defesa protetora que separa o mundo emocional muitas vezes caótico e incontrolável do autista do mundo exterior. É uma forma de proteção contra o que é percebido como um mundo externo ameaçador, que pode causar estresse e angústia. Através dela, os autistas buscam manter seu mundo interior seguro e sob controle. Isto é, o sujeito lida com o desafio de regular suas emoções e sensações, que podem ser intensas e ameaçadoras - assim como o Outro, imprevisível e assustador. Por isso, tendem a se refugiar em um ambiente que ele percebe como seguro, muitas vezes povoado por objetos familiares. Esse ambiente oferece uma sensação de previsibilidade e controle em contraste com o mundo exterior que pode parecer imprevisível e ameaçador.

A *borda autística*, como uma barreira autossensual, pode funcionar como um mecanismo de proteção que é ativado por estímulos corporais, como movimentos rítmicos ou sensações de 'sacudidas'. Há o objeto de separação entre a percepção da realidade do autista e o mundo exterior, especialmente quando este último se torna excessivamente avassalador. Maleval (2017) entende que essa borda autística possui três componentes defensivos, semelhantes a antenas de segurança: imagem do duplo; ilha de competência e objeto autístico. O primeiro componente autístico da borda, a imagem do duplo, se dá pela relação da qual o autista mantém com este. Como uma figura, representa uma estrutura para sair da solidão, isto é, o sujeito encontra neste um elemento que apazigue seus transtornos - elemento

do qual pode ser um amigo, ou um objeto familiar. Maleval (2017) insere o exemplo da relação transferencial entre Peter e sua terapeuta, Rothenberg. Destaca que o sujeito constrói uma relação de dependência com esta, na qual ela representava o contato dele com a realidade, respondendo por ele. É uma figura apaziguadora, que não se impõe ao sujeito, de modo a qual este último sintonize-se com o duplo - sendo uma forma de suportar o mundo caótico externo e interno vivenciado pelos autistas. Para exemplificar, Maleval (2017) traz o caso de André, que a partir da criação de uma marionete, encara situações que não quer suportar por si mesmo. Convoca a marionete quando é solicitada sua opinião, por exemplo - nesse sentido, deixa de ser si mesmo, assumindo um novo papel e não assumindo qualquer obrigação que remete a si. É justamente esse suporte de enunciação, que constitui uma das principais defesas autísticas, segundo Maleval. Representa uma forma de comunicação que se distancia do próprio sujeito, servindo como uma proteção contra o desejo dos outros.

O não habitar sua fala não se limita ao mutismo, conforme Maleval (2017) discute durante o livro “O autista e a sua voz”. O sujeito autista encontra diversas ferramentas para não ocupar o lugar de si mesmo - tal como a enunciação do duplo, falas sem direcionamento, cânticos e entre outros. Assim como mencionado anteriormente, é a partir da falha na identificação simbólica, que o sujeito autista rejeita tomar a palavra para si. Pois, uma vez que não se dispõe a função do significante unário, *o qual possibilita a representação do eu no simbólico* - somente referenciais de imagem podem ser utilizados para a enunciação. É então, através da integração com o duplo, que o sujeito consegue por vezes alcançar o gozo sem passar pelo externo - numa espécie de fundição. É um sujeito que experimenta, através desta, a sensação de falar por si, mas que no entanto, implica em uma perda de controle.

Maleval (2017) faz a diferenciação dos objetos autísticos complexos e simples, dos quais fazem parte das defesas autísticas. Os objetos têm a função, assim como a imagem do duplo, de apaziguar e de certa maneira, sedar o sujeito. O comunicar através do objeto não tem perigo, é desocupar-se do seu papel - vivendo então, de uma maneira segura, previsível. Primeiro, Maleval (2017) destaca o objeto transicional e a importância de diferenciá-lo dos objetos autísticos. Isto é, o primeiro, caracteriza-se por um suporte temporário, que tende a desaparecer. Nomeado por Winnicott em 1960, este o entende como a primeira posse do “não eu” da criança, que se constrói em relação à experiência de perda. Já o objeto autístico, é percebido como “totalmente” eu, que impede o desenvolvimento da consciência separação

corporal. Estes objetos, além de ter a função de proteção contra a perda, providenciam uma sensação de segurança, protegendo de tudo aquilo que não é “eu”, portanto, possuem a função do duplo, protegendo da angústia. O autor faz uma relação com o fato de que os autistas têm uma relação de identificação com os objetos, pois recorrem à dureza do objeto - não se diferenciam do corpo deste.

Nos autistas de alto funcionamento, muitas vezes encontram-se os objetos autísticos complexos, os quais têm a função de afastar o gozo do corpo do sujeito para então localizá-lo em uma borda. Seria considerado uma conexão com a realidade. Um exemplo do qual Maleval (2017) insere em seu livro, para explicitar esta dinâmica, é o da auto máquina de Joey, autista de alto funcionamento que cria uma máquina que lhe dá energia. A máquina funciona como uma espécie de regulação do gozo vocal, pois a partir dela, Joey pode ligar e desligá-la quando necessário, e, permitia que Joey falasse e ouvisse. A partir da criação destes mecanismos de enfrentamento, tal como a máquina de Joey e a criação da borda autística, vemos a complexidade da relação do autista com o mundo exterior. Isto é, embora criem-se as estratégias de defesa, o autista segue imerso em um banho da linguagem, que o impulsiona a criar tais defesas.

Dando continuidade ao modo de funcionamento perante à um Outro caótico, pode-se destacar a imagem do duplo. Conceito pelo qual Maleval (2017) entende que se dá a partir da relação pela qual o autista estabelece com alguma figura: seja um amigo imaginário ou um objeto. Esta relação é uma das características mais expressivas do funcionamento autístico, pois contribui para um sentimento de proteção e manejo do gozo incontrolável. O duplo aparece como mecanismo, uma vez que a identificação simbólica não ocorre para os sujeitos autistas, logo, recorrem a outros referenciais sem ser tomar a palavra por si mesmos. A função desta figura, é proporcionar uma sensação de segurança, de proteção, de conectar-se com o sujeito, para que este não enfrente diretamente aquilo que vem do externo - que carrega imprevisibilidade - ou do próprio interno, como lidar com as suas próprias emoções. Nesse sentido, a figura do duplo pode ser entendida como um “disjuntor” como mencionado antes, pois é uma das formas pela qual o autista lida com o seu gozo descontrolado, a partir da ação em investir e direcionar para tal figura. Assim como no caso de André, também mencionado antes, este utiliza da marionete o ato de falar a partir desta, em uma enunciação artificial, protegendo-se do desejo do Outro.

Torna-se possível compreender, a partir das explicações sobre o manejo do autismo sobre seu próprio funcionamento, que a causa do retraimento do sujeito se dá pela privação de seu objeto gozo. E, nesse sentido, os mecanismos tais como duplo, objetos autísticos complexos, amigos imaginários contribuem para localizar o gozo e, mais que isso, desempenham um papel de proteção psíquica e de conexão com seu mundo singular.

### **3. Constituição da identidade de jovens com Transtorno do Espectro Autista atrelado ao luto materno e paterno diante ao diagnóstico**

“O desenvolvimento humano é o resultado da transformação das funções elementares, de origem orgânica, em funções mentais superiores, de origem social, sendo o sujeito o produto das relações sociais vivenciadas. Então, o processo de formação social do homem é possível pela mediação dos outros e dos instrumentos da cultura, imprescindivelmente permeados pelas significações e internalizados pelos sujeitos”. (VIGOTSKY, 2000, p.233 *apud* BAGOLLO; PANHOCA, 2010)

Uma vez que a constituição do eu e seu desenvolvimento estão influenciados pelo social, conforme Bagollo e Panhoca (2010) pautam através de Vigotsky (2000), como se dá a construção da identidade e subjetividade do autista já que existe uma recusa daquilo que vem do externo? Pode-se dizer que o período da adolescência é pautado pela tentativa de criação de novos laços que já não dizem respeito à infância, assim como reconstruir um Outro que lhe falta (SOARES, 2019). Nesse sentido, como o período da adolescência, fundamental para a construção da subjetividade, é vivida pelo autista sem o Outro?

Para este entendimento, parte-se da perspectiva da psicanálise sobre o autismo pela qual independe das hipóteses biológicas e etiológicas sobre o funcionamento autístico. Ou seja, é necessário reconhecer e dar voz aos sujeitos autistas sobre as suas experiências, contribuindo para explorar a construção do seu modo de viver no mundo. O fato de que sim,

há limitações quanto à fala e o modo de interagir com o externo, não deve excluir a constituição deste ser como comunicativo e falante (LAURENT, 2012), o que contribui para a construção de sua identidade. Tal concepção abre portas para uma nova visão sob esse indivíduo que vai além do biológico, e sim, como constituintes de desejo.

### **3.1 Vivência do período da adolescência para o jovem autista: Uma perspectiva psicanalítica do que é a adolescência**

Para tratar do tema que condiz a relação da vivência da adolescência para jovens com autismo, torna-se fundamental entender o que significa este período para a psicanálise. Isto é, assim como entende Soares, 2019:

“A adolescência é o período em que o sujeito se vê confrontado com o real pulsional, em que apenas ele tem a chance de saber inventar sua própria resposta conforme as mudanças ocorridas, o que lhe permite construir a sua história singular.” (SOARES, 2019, p.1276)

É neste período, pelo qual o ideal de eu toma frente. Há a implicação daquilo que deve ser feito, das expectativas geradas e do que necessita ser realizado, claro, levando em consideração o mundo contemporâneo, imediatista. É o encontro do eu com o não saber, com o vazio, com as eternas possibilidades. O que fazer com a pulsão? Tal encontro com o vazio e perda da infância, relaciona-se a vivência de uma solidão, da qual exige uma identificação com o Outro, além da criação de novas estratégias para um outro modo de viver, que não mais se atrela ao que antes era conhecido na infância.

A função do significante para o autista, conforme desenvolvido no tópico da formação do sujeito, é solitária e fora do sentido, e, portanto, envolve um movimento de distanciamento do sujeito para fora do discurso. A palavra então, é direcionada ao próprio sujeito e não a um Outro (LACADEÉ, 2009, p. 55 *apud* SOARES, 2019). Logo, para dar sentido à sua vivência na adolescência, o sujeito do autismo toma o passo ao criar invenções, e a partir destas, estabelecer um modo de sobreviver. Invenção aqui, remete à inexistência do Outro, por isso tão condizente com a vivência do autista. Isto é, invenção como o conceito pelo qual remete a

criação de recursos que não tem a ver com aqueles já existentes e ditados. Nas palavras de Soares: “O sujeito desamparado com relações às referências do Outro está destinado a tornar-se inventor.” (SOARES, 2019, p.1280). Ainda, pelas palavras de Lacan:

“O importante, para nós, é que vemos aqui o nível em que – antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí – isso conta, é contado, e no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali, reconhecer-se ali como contador .” (LACAN [1964] 2008, p. 28 apud LAZARINI, 2019).

Nesse sentido, pode-se compreender a adolescência como o período em que o sujeito deve reconhecer-se como o contador, levando em consideração tudo aquilo que o antecede e está permeado ao seu redor. Em outras palavras, não é uma tarefa fácil. Exige a criação de novos recursos e abrir mão daquilo que já estava instituído. Para exemplificar essa tarefa, no caso de sujeitos autistas, Soares (2019) conta sobre o caso Owen: jovem autista que assim como Joey e a sua máquina, (sujeito autista anteriormente mencionado neste estudo), cria estratégias para compreender o seu modo de ser e assim, trabalha para a sua própria autonomia e relação com o outro. Owen descobre um interesse com os filmes da Disney. A partir destes, entende que a sua forma de comunicar pode ser a partir deste universo, e então, estabelece a sua conexão com o outro perante a esta chamada “linguagem disney”. Nas palavras do pai de Owen, Suskind, em seu livro “Vida Animada: Uma história sobre autismo, heróis e amizade” (2017), conta:

“Um menino que tem medo do futuro e de como a vida vai ser [. . .]” Esse menino entrava numa floresta e encontrava uma pedra mágica. Colocada na direção do Sol, transformava-se em um espelho, e o menino conseguia enxergar o futuro.” (SUSKIND 2017 apud SOARES 2009).

É inerente que a entrada no mundo adulto cause transformações no modo de viver. Para o jovem autista isso é caótico, desestabiliza o modo de funcionamento e suas defesas autísticas, tão protegidas conforme vimos na formação do sujeito. A partir do trecho acima, a entrada da floresta pode ser relacionada a entrada da adolescência como algo da ordem do

desconhecido, do “medo do futuro”. Já a pedra, mágica, é a invenção - é a estratégia utilizada pelo sujeito autista, no caso de Owen, a “língua disney”, que carrega a possibilidade de transformar, de ressignificação e de encontrar o sentido a partir daquilo que foi criado: uma possibilidade de existir. Como Soares (2019) sabiamente pontua, as respostas de Owen estavam todas dentro dele. Era aqui necessário, um movimento de revitalização para que seja possível caminhar para a compreensão de si mesmo. A história de Owen agrega imensamente os estudos voltados para a subjetividade dos autistas, pois, nos convoca a pensar sobre os recursos de sobrevivência para viver no mundo, dar voz às experiências dos sujeitos, e, é uma das formas de responder a pergunta inicial de como se dá a construção da identidade e subjetividade do autista. Isto é, um dos caminhos, se não o principal, é a possibilidade de criar recursos, da invenção na sua mais pura forma - a qual possibilita um caminho para a compreensão de si, de modo de funcionamento frente ao mundo.

### **3.2 Vivência do diagnóstico através do discurso familiar**

Pautado no fato de que a criança nasce já tendo uma pré-história que a antecede, pode-se dizer que carrega já uma responsabilidade em preencher um vazio. Há algo idealizado pelos pais, que remete inerentemente à falha deste cenário imaginativo, ou seja, uma discrepância entre a realidade e o fantasiado. Nesse sentido, entende-se que a partir do diagnóstico do autismo, a família irá experienciar esta mesma realidade.

A partir do entendimento que o sujeito constitui a sua subjetividade ao longo de seu desenvolvimento (INFANTE, 2000 *apud* FLORES; SMEHA, 2013), pode-se relacionar a origem desta subjetividade permeada pela ordem familiar, referente ao desejo materno e paterno. Nesse sentido, entende-se que a constituição subjetiva está relacionada ao trabalho em que se opera na criança ao produzir um sujeito, que se dá a partir da relação com o Outro. A partir desta ideia, o olhar materno desempenha um grande papel no que se diz respeito ao desenvolvimento da criança, isto é, constitui o sujeito a partir da dimensão amorosa e o convoca a posicionar-se frente a esta (RABELLO et al 2009). Como consequência desta dinâmica, se dá o sentimento de unidade que se forma a partir do olhar da função materna.

Portanto, a figura materna, movida pelo desejo, sustenta o lugar do bebê em um Outro primordial, antecipando as suas experiências e idealizando esta criança. Assim que a

reciprocidade de afeto e reconhecimento é falha, por parte do bebê, evidencia-se os primeiros traços autistas. Atrelado a este fato, entende-se que não haveria a constituição do estágio do espelho, momento pelo qual se dá o reconhecimento da imagem pelo Outro. Isto é, uma assunção de uma imagem própria, um domínio de si - dá ao bebê o sentimento de unidade. Rabello et al (2009), entende que esta falha impacta a constituição subjetiva da criança. Isso impacta, mesmo que inconsciente, na identificação e subjetividade do sujeito autista.

Atrelada a constituição da subjetividade, conforme analisado, a adolescência é um período da vida determinado culturalmente, o qual se define na saída da infância e entrada no mundo “adulto”, conforme Galhardi e Mexko (2014), entende-se que no caso dos jovens autistas, este período está rodeado por uma infantilização destes atribuído pela sociedade, que dificulta seu processo de autonomia e construção de identidade. Para isso, é necessário entender desde o começo da constituição psíquica num geral, que está influenciada socialmente e atrelada a construção do desejo do outro. Galhardi e Mexko (2014) pontuam, a ideia da construção do desejo do outro sob os indivíduos, e o impacto do diagnóstico na idealização dos pais neste processo:

“A criança existe psiquicamente na mãe muito antes de nascer, e ainda mais, muito antes de ser gerada. Quando a criança nasce, toda essa engrenagem que a antecede se põe efetivamente em movimento” (JERUSALINSKY 1984, p.40 *apud* GILHARDI, MEXKO 2014.)

Partindo da perspectiva dos sujeitos autistas como sujeitos desejanter, é preciso reconhecer as antecipações idealizadoras representadas pelas funções materna e paterna, que já geram expectativas do bebê antes mesmo do seu nascimento. Ou seja, antes mesmo do sujeito nascer, já existe a sua antecipação no desejo dos pais nas expectativas e idealizações que constroem para este ser humano que está por vir (MEXKO; GALHARDI, 2014). É necessário, além de escutar os sujeitos autistas, escutar os pais - e conhecer as experiências destes, para então possivelmente construir ressignificações sobre os seus filhos autistas, a fim de expor novas possibilidades de elaboração do modo de viver destes sujeitos.

O desejo do Grande Outro como parte constituinte dos indivíduos, surge desde o contato primordial, e que infere numa posição do sujeito idealizado, constituindo-se então,

um olhar fundador do Outro, e portanto, um investimento libidinal na criança (RABELLO, et al 2009). Nunes (2015) a partir de sua experiência como mãe de uma jovem autista, diz, em seu livro “Cartas de Beirute”, sobre um lugar desconhecido quando recebe o diagnóstico da filha - passa por um período de luto sob a realidade diferente daquela idealizado, e portanto, entra no território desconhecido das possibilidades de ser frente a esse cenário.

Assim como Nunes, Vianna (2017), em seu livro “Meu Menino Vadio”, relata a dificuldade em receber o diagnóstico de seu filho e o seu percurso em lidar com o luto da expectativa criada: *“lidar com autismo é extremamente cansativo. E o amor também cansa.”* (p.52) ou, ainda, *“(..) pai de autista sofre um bocado.”* (p.190). Ao mesmo tempo em que o autor compreende as bandeiras políticas da neurodiversidade que rodeiam o diagnóstico do autismo, entende que por vezes torna-se cansativo bancá-las:

*“De certa forma, são fantasias necessárias, porque a realidade é bastante dura”*  
(VIANNA, 2017, p.52).

É inerente que ocorra um luto da perda daquilo que foi idealizado e que não irá ser realizado. Vianna (2017) conta sobre os tantos “nuncas” que irá ver o seu filho não experienciar:

*“Henrique nunca será absolutamente louco a ponto de largar família e emprego. Jamais sonhará com o impossível. Mas sempre será um pouco louco. E, possivelmente, um sonhador, mesmo que os outros não saibam com o que sonha. Meu menino nunca será totalmente feliz. Mas quem o é?”* (VIANNA, 2017, p.199)

Nunes (2015) e Vianna (2017), são exemplos importantíssimos de pais que relatam o quão doloroso é a perda da construção e expectativa do filho fantasiado, que concretiza um luto daquilo não realizado. Relatam suas dores, seus questionamentos e as suas lutas diárias para que seu filho seja incluído na sociedade. Ambos os autores destacam o ato de abrir mão de como se apresentavam antes, para se apresentar como “mãe de filho autista” ou, “pai de filho autista” e como isso se tornou a personalidade deles através da ótica da sociedade. Mas é a partir do processo doloroso e de luta pelo qual estes pais permeiam, que percebem a

importância que dos recursos e comportamentos os quais os filhos constroem, uma percepção da não estigmatização e não adequação destes comportamentos, nas palavras de Nunes (2015):

“O discurso médico e terapêutico, por mais que reconheça que não existe cura para o espectro do autismo, busca curá-lo de diferentes formas. [...] sempre recusei essa visão de modificação de comportamentos a ferro e fogo. De alguma forma, percebia que os comportamentos autísticos da minha filha cumpriam uma função para ela. (NUNES, 2015, p. 48).”

Nesse sentido, podemos relacionar a trajetória destes pais, à percepção de um funcionamento subjetivo singular do sujeito autista que também é desejante, que também exerce um papel na sociedade. Para o sujeito autista o peso que a palavra tem é muito sério, isto é, há uma exigência em escutar do autista e entendê-lo na posição de sujeito suposto saber, que agora em diante, entenderemos que não cabe ao analista. Maleval (2017) se debruça na lição da clínica singular, preservando os traços básicos de solitude assim como imutabilidade, mas traços que podem ser trabalhados a partir de uma interlocução na relação analista e analisando.

#### **4. Autismo a dois: O trabalho psicanalítico**

O tratamento dos sujeitos com autismo do qual exploraremos aqui, gira em torno de um Outro não invasivo, na posição do analista, do qual possibilita um espaço pelo qual o sujeito e o seu saber apareçam. Concretiza-se assim, o chamado “autismo a dois” assim como infere Tendlarz (2017), que sugere um laço sutil e uma busca pela construção de uma autonomia a partir da subjetividade do indivíduo. Originando desta relação, o trabalho interlocutório que tenha função de borda para esses sujeitos, permite um contato e a instituição de um vínculo. Nesse sentido, assim conforme nos diz Kisil (2012), a função de “assistente de pesquisa” por parte do analista, remete a uma posição que movimenta este saber de si próprio do autista, pode ser um caminho na construção de um conhecimento que considere a singularidade desses sujeitos.

Nesse sentido, a psicanálise entra como uma ferramenta importante no diagnóstico e entendimento do Transtorno do Espectro Autista, pois, considera o funcionamento singular e

a subjetividade dos sujeitos autistas para além dos comportamentos “estereotipados”. Isto é, conforme Gonçalves et al (2017) pontuam, a perspectiva analítica contribui para ampliar as possibilidades do sujeito autista em seu modo de ser, enfatizando seus aspectos orgânicos. Para que isto seja possível, Laurent (2007) apud Maleval (2017) entende que o “autismo a dois”, refere-se ao trabalho de se colocar à mercê daquilo que o sujeito traz. O instiga e sai da posição de sujeito suposto saber. Aqui, quem sabe de si é o sujeito. Não cabe ao analista. Isto é, conforme o autor, trata-se de um trabalho:

“de permitir ao sujeito que ele se liberte do seu estado de retraimento (...) para um mundo de “subjetividade” da ordem do autismo a dois. Trata-se de fazer o novo parceiro desse sujeito.” (LAURENT, 2007, p.198 apud MALEVAL, 2017).

Nesse sentido, cabe ao analista legitimar as produções e invenções do sujeito autista para uma possível constituição de uma voz própria, assim como a construção de uma autonomia. O psicanalista se coloca em um papel de sustentar aquilo que o sujeito traz. Mais que isso, serve de suporte e ferramenta para a entrada à ordem do simbólico, para possíveis experiências afetivas, fundamentalmente importantes para o desenvolvimento de si.

Há, ainda, além do autismo a dois como possibilidade de construção da autonomia e subjetividade do sujeito, o trabalho de inversão da demanda, assim como pontua Pegorelli et al (2014). Isto é, o trabalho pelo qual atua em tomar posição como um Outro não ameaçador, que sustenta o vazio da demanda, que aqui, cabe aos sujeitos - criando então, espaço para seus interesses individuais, construindo um saber próprio de si. Nas palavras de Kisil (2012):

“Ao se situar como pesquisador e autor, ao menos temporariamente, esses garotos assumem o lugar de sujeito e se distanciam dessa mortífera condição de objeto, descompletando o Outro. Nesse momento, eles são sujeitos que sabem sobre si e o sobre o mundo e o Outro não goza deles.” (KISIL, 2012, p.149).

López (2010) apud Gonçalves et al (2017) entendem que o desejo do analista desempenha uma importante função no tratamento com os sujeitos autistas, uma vez que é

necessário que renuncie ao ideal pedagógico de ensinar, para então assumir uma posição do não saber - o analista recorre à ignorância.. Esta ação tem como consequência uma possibilidade da entrada do autista no discurso. Logo, é justamente a partir do modo de direcionar a escuta e investimento nos interesses do sujeito, que permitem uma estruturação do sujeito e sua subjetividade. Além disso, conforme pontuam os autores Gonçalves et al (2017), existe uma demanda por parte do analista em antecipar aquilo que o sujeito autista trará, uma vez que virá da ordem da recusa. Para que seja possível a entrada do sujeito na linguagem e ordem simbólica é necessário que o analista antecipe esta recusa. Ou seja, pode-se dizer que antecipar aqui também se refere à posição do analista ao se inserir no lugar do outro, que tem como consequência a possibilidade de facilitar a entrada ao simbólico para o sujeito autista, contribuindo para a reorganização psíquica e constituição da subjetividade.

Ao ocupar o lugar de um Outro que não amedronta, e mais que isso, como Kisil (2012) sabiamente aponta, um Outro que deixa-se ser guiado como *assistente de pesquisa*, o analista possibilita um encadeamento de significantes por parte do sujeito autista. O papel do analista é ocupar um lugar de um Outro furado, que não demanda - há um esvaziamento do gozo por parte do analista (CATÃO, VIVÉS, 2011). A partir disso, pode ser instigado os interesses e invenções do próprio sujeito, o acompanhando. E, o analista, ocupando este lugar do Outro não tão mais estranho e caótico, sugere a possibilidade de então um ato de desocupar o papel de assujeitamento do sujeito autista, pois passa a se identificar com uma outra pessoa. Portanto, através desta dinâmica, torna-se possível uma ressignificação e identificação do comportamento do sujeito por ele mesmo.

A partir desta perspectiva, entendemos que o tratamento com os sujeitos autistas não é pautado aqui, pela cura ou tentativa de remoção de comportamentos. O que se visa, a partir do autismo a dois e trabalho analítico, é contribuir para a construção de uma voz que lhe é própria. Há um sujeito a ser escutado, e, através de um trabalho onde se possa criar um espaço seguro e vazio, onde a demanda seja inversa: o sujeito traz aquilo que conhece, será possível com que este sujeito cada vez mais possa experimentar a relação com o Outro diferente do que conhece, podendo possivelmente abdicar de sua escolha: falar sem se comunicar e/ou mutismo.

#### 4.1 Grupo de Invenção e Pesquisa – Oficina de Vazio & Cesta de frutas

O Grupo de Invenção e Pesquisa (GIP) é um grupo de atendimento a jovens que tem como objetivo o tratamento e a inclusão social, tendo como epistemologia de sua prática a teoria psicanalítica lacaniana, entre outros autores da psicanálise. Ao fornecer recursos e instrumentos para os indivíduos que sofrem de algum sofrimento psíquico, a instituição tem como objetivo o atendimento a jovens em posição psicótica, assim como jovens autistas e com síndrome de down.

A ideia de que o funcionamento dos jovens é diferente na sociedade, se relaciona com a ideia do grande Outro e como este sugere um sofrimento psíquico, como a perseguição, presente em muitos casos dos jovens, conforme explorado nesta pesquisa. Nesse sentido, o GIP entra como lugar do qual o Outro não deve ser temido, instigando os jovens a se descobrirem e descobrirem os interesses entre si. Os jovens juntos são uma aposta de que os interesses eventualmente possam ter lugar em outros jovens também.

Uma de suas estratégias principais é a oferta de um ambiente vazio de saber, de maneira que para superar sua angústia o paciente poderá produzir as suas próprias significações. Isso se traduz na prática como o momento em que ele reconhece uma relação entre dois fenômenos, momento que o terapeuta se oferecerá como auxiliar na tarefa de expandir essa rede de relações, e, juntos, poderão se engajar nessa pesquisa, a qual pode levar o sujeito e o acompanhante a diversos lugares como cinema, ao *shopping* ou utilizar oficinas de artes e computadores, por exemplo, que são algumas das ferramentas colocadas para estimular o sujeito a se engajar com esse vazio. Essa estratégia é muito valiosa para se tratar pessoas com dificuldade com o simbólico, que são sujeitos que frequentemente não se adaptam ao modelo de clínica tradicional, e buscam instituições como o GIP.

É a partir da oferta de vazio da demanda, pela qual pode se apostar no florir nos interesses destes jovens. É uma cesta de frutas. Ali tem uma cesta com várias possibilidades, ou, por vezes, sem nada. Cabe ao sujeito escolher qual se identifica, qual gosta, ou criar algum interesse, e, ao analista, cabe acompanhá-lo nessa jornada, instigando os seus interesses.

Pode-se dizer que os jovens atendidos, são beneficiados pela instituição a partir do momento o qual lhes é fornecido uma oferta de oficina de vazio: não há uma demanda pré

montada, o que se converte em um desenvolvimento dos jovens a partir de seus interesses e demandas. O outro ali, se dá como interessado nesses sujeitos e em seus assuntos e desejos, ocupando uma posição de um outro não ameaçador. Além disso, no GIP são feitos os acompanhamentos terapêuticos com os jovens, os quais se beneficiam na forma da qual a partir destes, é realizado um trabalho mais próximo com os jovens, prezando sua individualidade e indo além do espaço do GIP - isto é, ampliando os conhecimentos assim como interesses, na medida que também, adentrando no mundo social destes indivíduos.

Os sujeitos neuróticos tendem a funcionar de um certo modo, organizado psiquicamente pela castração, enquanto que esses jovens se organizam de uma forma singular. O trabalho do GIP é algo valioso, é uma troca entre os jovens e os profissionais, pautada na individualidade e construindo possibilidades para esses jovens dentro daquilo que estes mesmo gostam - e que dentro desse espaço, se torna possível. Nas palavras dos talentosos profissionais, dos quais tive a oportunidade de conhecer:

“O GIP se configura, portanto, como um espaço de invenção, no qual as ofertas dos interventores, as parcerias de trabalho e as atividades ali desenvolvidas são construídas na experiência do encontro a partir do que cada jovem traz de mais legítimo e singular.” (PEGORELLI et al 2014, p.7)

## 5. Conclusão

“É que eles não escutam vocês. Mas, seguramente há algo que eles tenham a dizer (...) que vocês tenham problemas para escutar, para dar alcance aquilo o que os sujeitos autistas dizem, não implica que não

sejam personagens, antes de tudo, verbáis.” (J. LACAN, CONFERÊNCIA DE GINEBRA, 1975)

Os estudos acerca do entendimento do autismo contribuem imensamente para a sociedade, pois há sempre atualizações que devem ser levadas em consideração ao nos referirmos a essa população. Nesse sentido, pautado pela psicanálise lacaniana, este estudo partiu do enfoque de que a estruturação autística fornece pilares para que se possa entender o autismo através de seu funcionamento, independente da causalidade etiológica. A partir desta perspectiva, torna-se possível um trabalho analítico que busque a autonomia e constituição destes sujeitos, a partir da construção de sua própria voz - dando lugar ao sujeitamento a partir do esvaziamento do gozo do analista, conforme foi explorado.

Assim como entende Laurent (2012), em seu livro “A Batalha do Autismo”, este referencial partiu do ponto de existir algo biológico, o que não infere que os autistas sejam incapazes de se comunicar. O autista se comunica, uma vez que a linguagem se diferencia da comunicação, conforme explorado neste estudo. O movimento de desestigmatizar o sujeito autista envolve não buscar uma cura ou uma redução aos comportamentos padronizados e entendidos como “adequados”. Deve-se explorar a compreensão dos comportamentos dos sujeitos a fim de entender as suas particularidades, assim como dar voz aos sujeitos permitindo-os que vivam da maneira pela qual possam caminhar com diversas possibilidades.

Entende-se que, a partir do aprofundamento da constituição psíquica do sujeito com Transtorno do Espectro Autista, assim como o modo de entendê-lo a partir de um funcionamento singular, é possível seguir na busca do tratamento do sujeito autista que acompanhe o modo como eles de fato são: sujeitos desejanter e, portanto, singulares. Portanto, nas palavras de Laurent (2012):

O fato de haver algo de biológico em jogo não exclui a particularidade do espaço de constituição do sujeito como ser falante. (LAURENT, 2012, p.33)

### **Referências Bibliográficas**

BAGAROLLO, Maria Fernanda; PANHOCA, Ivone. **A constituição da subjetividade de adolescentes autistas: um olhar para as histórias de vida**. Revista Brasileira de Educação

Especial, v. 16, p. 231-250, 2010. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbee/a/DHMpdhgLqyhMZR9PzKYNwQF/?format=pdf&lang=pt>

BERNAL, Marília Penna. **Praxia da criança com Transtorno do Espectro Autista: um estudo comparativo**. Instituto de psicologia da Universidade de São PAULO. p, 1-131. 2018. Disponível em:  
[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-15012019-155902/publico/bernal\\_corigida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-15012019-155902/publico/bernal_corigida.pdf)

BRITO, Adriana R; VASCONCELOS, Marcio M. **CONVERSANDO SOBRE AUTISMO-RECONHECIMENTO PRECOCE E POSSIBILIDADES TERAPÊUTICAS**. *Autismo: Vivências e Caminhos*, Volume 1, 2016, Pages 23 -32, ISSN. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/9788580391329-05>

Bosa, C., & Callias, M.. (2000). **Autismo: breve revisão de diferentes abordagens**. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 13(1), 167–177. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000100017>

CATAO, Inês; VIVES, Jean-Michel. **Sobre a escolha do sujeito autista: voz e autismo**. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte , n. 36, p. 83-92, dez. 2011 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372011000300007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 05 nov. 2023.

FERNANDES, Andréa Hortélio. **Interpretação: arte poética com alíngua**. *Stylus (Rio J.)*, Rio de Janeiro , n. 24, p. 57-64, jun. 2012 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2012000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2012000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 06 nov. 2023.

Flores, M. R., & Smeha, L. N.. (2013). **Bebês com risco de autismo: o não-olhar do médico**. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 16(spe), 141–157. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982013000300010>

GONÇALVES, Amanda Pílosio et al . **Transtornos do espectro do autismo e psicanálise: revisitando a literatura**. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro , v. 49, n. 2, p. 152-181, dez. 2017 .Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382017000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 05 nov. 2023.

KISIL, Izabel Ramos de Abreu. "**Como você sabe?**": o conhecimento e o saber na psicose infantil. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, University of São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.48.2012.tde-12062012-151015. Acesso em: 2023-11-06.

LACAN, J. **O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979(1953–54). Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-1-Os-escritos-tecnicos-de-Freud.pdf>

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: A angústia!** 1901-1981 LI29s. Tradução Vera Ribeiro.- Rio de Janeiro: Zahar, 2005. i!. -(Campo freudiano no Brasil) 1901-1981 LI29s Tradução de: Le seminaire de Jacques Lacan, livre X: l'angoisse (1962-1963) ISBN 978-85-7110-886-8. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-10-A-angustia.pdf>

Lacan, J. (1998[1975]). "**Conferência em Genebra sobre o sintoma**". In Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, (23). São Paulo: Edições Eolia, p. 10. Tradução Olga Máter e Alejandra Freschi (2014). Disponível em: <https://www.elsigma.com/historia-viva/traduccion-de-la-conferencia-de-ginebra-jacques-lacan-1975/12782>

LAURENT, ERIC. **A batalha do autismo**. Rio de Janeiro: Zahar. – Laurent, É. (2013). Disponível em: <https://doceru.com/doc/18e18ce>

LAZARINI, Gabriela. **Escritos sobre a clínica psicanalítica na adolescência**. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 51, p. 163-170, jun. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372019000100016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000100016&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 05 nov. 2023.

Lucero, A., & Vorcaro, A. M. R.. (2017). **Lacan Leitor de Melanie Klein: O Caso Dick em Questão.** *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 33, e3348. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3348>

MALEVAL, Jean-Claude (2009) **O autista e a sua voz.** Trad. Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2017.

NUNES, Ana. **Cartas de Beirute: reflexões de uma mãe e feminista sobre autismo, identidade e os desafios da inclusão.** Curitiba: Editora CRV, 2015.

PEGORELLI, ANA; et al. **Grupo de Invenção e Pesquisa - Oficina de Vazio.** LEPSI, 2014.

RABELLO, S.; et al. **A história de alguns anos de pesquisa em detecção precoce de psicopatologias graves – PUC-SP.** *Psicologia Revista*. v. 18, série 2, São Paulo, 2009, p. 231-245. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/4383/2964>

SOARES, Claudia M. **A CHEGADA DA ADOLESCÊNCIA PARA O AUTISTA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA.** *Psicologia em revista*, Belo Horizonte, v.25, n.3, p.1274-1286, dez 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/22695/17202>

Tendlarz, S. E. (2017). **Lacan e o autismo em nossa época.** *Opção Lacaniana*, Ano 8, 23. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_23/Lacan\\_e\\_o\\_autismo\\_em\\_nossa\\_epoca.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_23/Lacan_e_o_autismo_em_nossa_epoca.pdf)

VIANNA, Luiz Fernando. **Meu Menino Vadio: Histórias de um garoto autista e seu pai estranho.** Editora Intrínseca Ltda, 2017.

VILA, Carlos; DIOGO, Sandra; SEQUEIRA, Sara. **AUTISMO E SÍNDROME DE ASPERGER.** Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes (Portimao, Portugal). 2009, p.1-20. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0140.pdf>

